

TORRES, António da Silva e Sousa

Lisboa, 1876 - Lisboa, 1958

Bacharel em Filosofia Natural pela Universidade de Coimbra (1901), Sousa Torres iniciou o seu percurso profissional em 1906 como professor interino do Liceu Central do Porto (mais tarde denominado Liceu Rodrigues de Freitas), onde lecionou Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas e, dado o domínio das línguas estrangeiras, Francês e Inglês. A sua prática pedagógica e o empenho na aquisição de materiais para as aulas mereceram dos seus pares referências elogiosas. Todavia, foi como “naturalista-geólogo”, como ele próprio se intitulava, que se destacou (Fig. 1).

Em 1912, após aprovação em provas públicas, foi nomeado assistente provisório da Faculdade de Ciências do Porto, assumindo pouco depois o cargo de naturalista do recém-criado Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, que sucedeu ao Gabinete de História Natural da antiga Academia Politécnica. Em vésperas do seu ingresso na Faculdade, empreendeu a “expensas próprias” uma visita aos museus de História Natural de Paris e de Londres e, mais demoradamente, à secção mineralógica da Academia das Ciências de Munique, então dirigida pelo conhecido mineralogista Paul von Groth (1843-1927).

No regulamento interno do museu previa-se que os naturalistas repartiriam os trabalhos respeitantes ao “museu de Geologia e Paleontologia” e ao “museu de Mineralogia e Petrologia” pelos meses do ano, de forma alternada, evitando assim o desempenho simultâneo de tarefas diferentes. No entanto, Sousa Torres ter-se-á ocupado, principalmente, da organização de coleções estratigráficas das unidades do norte do país,

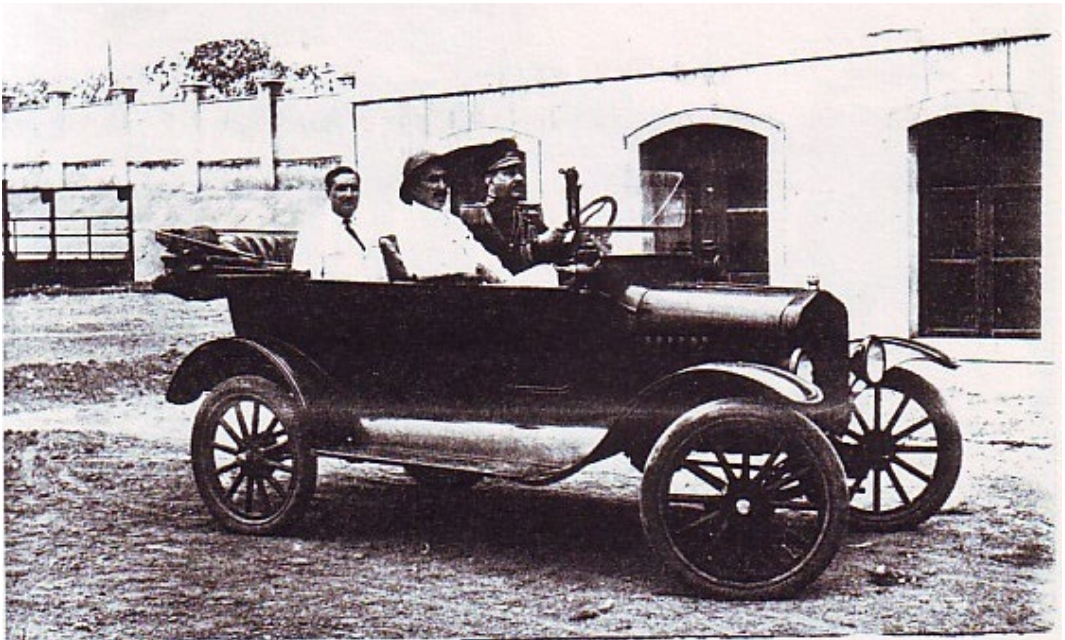


FIG. 1 Luanda 1922. António Sousa Torres em primeiro plano e Norton de Matos ao volante. Fotógrafo desconhecido. © Arquivo Histórico MUHNAC.



FIG. 2 Panorâmica da Sala Colonial nos anos 1930. Reproduzido de Costa, 1936.

bem como da organização do arquivo fotográfico do museu, constituído por grande número de clichés relativos à geologia portuguesa (Rosas da Silva, 1937). Estes trabalhos foram complementados com colheitas de campo, destacando-se, entre 1917 e 1919, a recolha e o estudo de dezenas de exemplares fósseis do Devónico de S. Félix de Laundos (Póvoa de Varzim), em colaboração com o geólogo suíço Ernest Fleury (1878-1958), professor do Instituto Superior Técnico, daqui resultando comunicações à Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (março de 1918) e ao Congresso para o Progresso das Ciências (1921).

A abertura de vagas de naturalista para o Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências de Lisboa e o apelo por parte de amigos à sua transferência para a capital levaram-no a candidatar-se ao lugar. Nomeado em julho de 1919 após concurso público, ali permaneceu até setembro de 1946, aquando da aposentação, data a partir da qual estreitou relações com a Junta das Missões Geográficas, com a qual já vinha colaborando para o estudo de materiais geológicos das antigas colónias portuguesas.

Embora encontrasse um museu já estruturado em moldes científicos, trabalho desenvolvido pelos seus antecessores, Xavier d'Almeida, autor do único catálogo publicado das coleções de paleontologia (1868), e Jacinto Pedro Gomes (1844-1916), os avanços das ciências geológi-

cas e os conhecimentos que havia adquirido no estrangeiro levaram-no a eleger, como tarefas prioritárias, a organização de coleções estratigráficas e paleontológicas portuguesas e a remodelação da respetiva “exposição permanente”, um projeto que só frutificaria mais tarde, adiado pela ida de Sousa Torres a Angola para chefiar a “Missão Geológica” criada no início de 1921, pelo recém-nomeado Alto-comissário Norton de Matos (1867-1955) (Fig. 1).

No Huambo, onde foi sedeadada a Missão, em paralelo com os trabalhos de campo e administrativos, constituiu um pequeno museu geológico onde se expunham e estudavam rochas e fósseis recolhidos pelas brigadas de campo, ao qual acorreram não só técnicos em serviço na província, como também geólogos das colónias vizinhas.

De regresso à Metrópole, em 1926, reocupou o antigo posto de naturalista na Faculdade de Ciências. Nos anos que se seguiram, para além de uma colaboração próxima como docente da Secção de Geologia, a sua atenção repartiu-se entre as coleções de Angola, resultantes das sucessivas remessas da Missão, e as coleções de Paleontologia nacionais e estrangeiras, área a que esteve sempre afeto (Assunção, 1958, 282), reacondicionando e reclassificando as largas centenas de fósseis dispostas de acordo com o *Prodrome*, de Alcides d'Orbigny, segundo a sistemática de Karl von Zittel, elaborando os respetivos catálogos que, contudo, permaneceram inéditos.

Refiram-se ainda, a título de exemplo, os trabalhos profícuos com as coleções de fósseis enviadas em finais dos anos 1920 por Bacelar Bebiano (1894-1967), chefe da Missão Geográfica de Cabo Verde, que também deu origem a uma pequena publicação, bem como a reorganização de duas importantes coleções de paleontologia estratigráfica: a que fora oferecida ao rei D. Pedro V por Alcides d'Orbigny (1802-1857), para cujo estudo e atualização nos museus de Paris Sousa Torres beneficiou de uma bolsa da Junta de Educação Nacional (1931), e outra, em tem-

pos formada por Adolphe d'Archiac (1802-1868), ambas expostas na sala das coleções gerais desde os primeiros tempos do museu. Dedicou também uma parcela do seu tempo à recolha de restos fósseis dos grandes mamíferos do Terciário de Lisboa, coleção que ofereceu ao museu dos antigos Serviços Geológicos de Portugal.

O interesse pela geologia colonial justifica o seu empenhamento, no início dos anos 1930, na reorganização das coleções ultramarinas do museu, um projeto acarinhado pelo então diretor, Alfredo Machado e Costa (1870-1952), consumado na abertura da Sala Colonial do Museu Nacional (Brandão *et al.*, 2015, 11).

Pode dizer-se que, durante os anos de trabalho como naturalista do Museu da Faculdade de Ciências de Lisboa, Sousa Torres imprimiu às coleções de Paleontologia, Estratigrafia e Colonial a organização espacial e científica que perdurou até ao incêndio que, em 1978, destruiu grande parte do edifício, atingindo particularmente o museu Mineralógico e Geológico e o museu Zoológico (Museu Bocage). No entanto, as suas preocupações consignaram também a função pedagógica e cultural destes estabelecimentos, defendendo convictamente a necessidade de retirar aos museus de História Natural o carácter de meros “armazéns de curiosidades”, para os transformar “em ativos difusores dos mais úteis conhecimentos” (Torres, 1932, *apud.* Brandão, 2008) e bases de futuras explorações científicas. Porém, o Museu Nacional, a que dedicou boa parte da sua carreira, continuaria ainda, por muito tempo, concentrado, nas suas vertentes de investigação e apoio ao ensino.

BIBLIOGRAFIA

- ASSUNÇÃO, C.F. Torre. 1958. “Dr. António da Silva e Sousa Torres (1876-1958)”. *Boletim do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa*, 26: 281-283.
- BRANDÃO, José M. 2011. “Bacharel António Sousa Torres (1876-1958): contributos de um naturalista-geólogo para a organização dos acervos geológicos das Faculdades de Ciências do Porto e Lisboa”. C. Fiolhais *et al.*

(coord.). *Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências: livro de atas*. Coimbra, p. 1136-1151.

- BRANDÃO, José M.; Póvoas, Liliãna; Lopes, César 2015. “Geologia colonial: o protagonismo do museu da Politécnica de Lisboa”. *Midas*, 5: 2-19.
- COSTA, A. Machado e 1938. “O Museu Mineralógico e Geológico”. *Revista da Faculdade de Ciências*, 1 (3): 121-175.
- COSTA, A. Machado e 1936. “O Museu Colonial”. *Boletim do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa*, 5: 69-80.
- ROSAS DA SILVA, Domingos. 1937. “As ciências geológicas da Academia Politécnica do Porto”. *O ensino na Academia Politécnica. Universidade do Porto. 1.º Centenário da Fundação da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica, 1837-1937*. Sep. 33.

[J. M. B. ; V.F. S.]

JOSÉ MANUEL BRANDÃO Geólogo, investigador integrado do Instituto de História Contemporânea (FCSH/NOVA), doutor em História e Filosofia da Ciência, mestre em Museologia. Exerceu a docência, mantendo colaboração com cursos de formação avançada. Entre 1991 e 2011 desempenhou tarefas técnico-científicas no Museu Nacional de História Natural da Universidade de Lisboa (Mineralogia e Geologia) e o cargo de Conservador do ex-Instituto Geológico-Mineiro (atual LNEG). Colaborou na programação no Museu de História Natural de Sintra, Museu da Comunidade Concelhia da Batalha e no projeto de renovação do Museu Municipal de Porto de Mós. Autor e coautor de diversas publicações no domínio da História e Museologia das Geociências e do património mineiro em Portugal, domínios de investigação regular.

VANDA FARIA DOS SANTOS Paleontóloga, investigadora no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, coordena o projeto “Paleobiologia e Paleocologia de Dinosauria e faunas associadas de Portugal e o seu papel macroevolutivo no contexto do Mesozóico da Europa ocidental”. Encontra-se a reorganizar as coleções de plantas e de invertebrados fósseis do MUHNAC, tendo em vista a recuperação e a atualização do seu valor científico e pedagógico e a acessibilidade, cruzando-as com a história do museu. Nos últimos 25 anos de pesquisa que desenvolveu em colaboração com paleontólogos de diferentes instituições, descreveu diversas jazidas com pegadas de dinossáurio e é autora e coautora de publicações científicas e de divulgação sobre este património paleontológico. É membro da equipa responsável pela coordenação científica do *GEOcircuito de Sesimbra*, um projeto municipal concebido para inventariar, catalogar, caracterizar e promover o património geológico desta região.